

## **IDENTIDADE, FUTEBOL E POLÍTICA: TRAJETÓRIA DO FUTEBOL EM CRICIÚMA**

IDENTITY, FOOTBALL AND POLITICS: TRAJECTORY OF FOOTBALL IN CRICIÚMA

Michele Gonçalves Cardoso

Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc  
michelegc@unesc.net

João Henrique Zanelatto

Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc  
jhz@unesc.net

Emerson César de Campos

Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc  
ecdcampos@yahoo.com.br

**Resumo:** Nacionalmente, o Criciúma Esporte Clube é considerado um dos principais times de futebol de Santa Catarina. Entretanto, Criciúma e o sul catarinense, de modo geral, foram marcados pela quantidade significativa de clubes de futebol amador. Na cidade, uma singularidade foi a constituição de times de futebol ligados às empresas de mineração (atividade econômica predominante em boa parte do século XX). Criciúma foi marcada, também, desde o final do século XIX e ao longo do XX, por receber migrantes provenientes de outros países e de outros Estados. Assim, entrelaçando futebol, política e identidade, o artigo buscou abordar duas identidades cunhadas na cidade: a “força do carvão” e a “força da imigração”, percebendo, ainda, como o futebol se configurou como um elemento central nesse processo.

**Palavras-chave:** Futebol; Criciúma; Identidade.

**Abstract:** Nationally, Criciúma Esporte Clube (located in the south of Santa Catarina) is considered one of the main soccer teams in Santa Catarina. However, Criciúma and the South of Santa Catarina in general were marked by the significant amount of amateur football clubs. In Criciúma, a singularity was the constitution of soccer teams linked to mining companies (predominant economic activity in most of the 20th century). The city was also marked, since the end of the 19th century and throughout the 20th century, for receiving migrants from other countries and other states. Thus, intertwining football, politics and identity, the article sought to address the two identities: “coal force” and “immigration force” that sought to be hegemonic in the city and how football became a central element in this process.

**Keywords:** Football; Criciúma; Identity.

## Introdução

O presente artigo busca evidenciar as relações presentes entre o futebol, a política e os projetos identitários a partir do sul catarinense, especialmente, do município de Criciúma. Pretende-se observar a singularidade da constituição de clubes de futebol ligados às empresas de mineração de carvão e suas relações com o discurso identitário fundamentado nos fluxos migratórios do final do século XIX. Assim, há que se abordar as duas identidades cunhadas na cidade: a “força do carvão” e a “força da imigração”, percebendo como o futebol se configurou como um elemento central nesse processo. Para tal, fundamentou-se esse escrito a partir de uma revisão bibliográfica a respeito da temática, e, ainda, a consulta a algumas fontes documentais relacionadas ao tema.

Em Criciúma, ao longo do século XX, configuraram-se duas forças sociopolíticas que disputaram a hegemonia no controle da cidade: a “força dos imigrantes europeus” e a “força do carvão<sup>1</sup>”. Na narrativa presente na historiografia “local tradicional<sup>2</sup>”, o núcleo colonial de Criciúma foi fundado em 1880 por imigrantes italianos. Alguns desses imigrantes teriam vindo com capital financeiro e aplicado no comércio, passando, assim, a exercer o domínio econômico e político da colônia, que, por ação desse grupo, em 1925, tornou-se emancipada politicamente.

A “força do carvão” foi se configurando a partir da década de 1920, com a intensificação da exploração do minério em decorrência da Primeira Guerra Mundial. A imagem de riqueza e de progresso criada em torno da exploração do carvão atraiu não somente os interesses dos grupos da região, sejam eles lusos ou imigrantes, mas, especialmente, empresários de outros Estados, bem como o governo federal, principalmente no pós-1930. A exploração do carvão provocou significativas mudanças socioeconômico-político-culturais em toda a região sul catarinense, para além de Criciúma.

---

<sup>1</sup> Reflexão sobre as forças sociopolíticas de Criciúma e região, ver: ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma, SC: Ediunesc, 2012.

<sup>2</sup> Usamos a noção de história local tradicional a partir da classificação feita por WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. *Revista Catarinense de História* - n. 2, pp. 5-15, 1994.

A “força dos imigrantes europeus” e a “força do carvão” marcaram a identidade da cidade ao longo do século XX; rivalizaram, disputaram o poder e estiveram juntas. Um dos espaços de expressão dessas duas forças identitárias foi o futebol. Assim, este escrito foi dividido em três seções: a) a primeira se configura no pós-1930, e busca apontar a hegemonia da identidade do carvão expresso no futebol amador, com os times vinculados às mineradoras; b) a segunda seção marca o processo de profissionalização do futebol, com ênfase em dois clubes - Metropol e Comerciário, e as disputa das duas forças - a do carvão, consolidada e representada pelo Metropol, e a da imigração, representada pelo Comerciário (1947 - 1978); c) por fim, evidencia-se o processo de invenção da cidade, das etnias e a criação do Criciúma Esporte Clube para unificar as torcidas, o que marca, portanto, marcar a hegemonia da identidade da imigração.

### **Uma cidade, vários times: a hegemonia da identidade do carvão**

Criciúma está localizada no sul de Santa Catarina. A região, que territorialmente pertencia ao município de Araranguá, recebeu diferentes levas migratórias em fins do século XIX. A partir da chegada de imigrantes italianos, alemães e poloneses, foi se desenvolvendo como um pequeno núcleo colonial, que, oficialmente, teria sido fundado em 6 de janeiro de 1880. Antes da chegada desses europeus, a região era habitada por indígenas e por algumas famílias que migraram de núcleos litorâneos, que, de modo esparso, ocupavam o território. Essa ocupação ocorria nas proximidades das estradas que ligavam Urussanga a Araranguá - caminhos utilizados inclusive pelos tropeiros. A chamada Vila de São José de Cresciuma era local onde as estradas coloniais se cruzavam e caminho obrigatório para quem saía de Urussanga rumo ao extremo sul do Estado. Por conta desse movimento, alguns colonos estabeleceram comércios nesses lugares, contribuindo para que, anos depois, surgisse ali uma das principais praças da cidade. (OLIVEIRA, 2011, p. 100)

Um ano antes de a Vila de São José de Cresciuma se emancipar de Araranguá, um grupo de 52 pessoas se reuniu para fundar o *Mampituba Football Clube*, em 18 de maio de 1924. O nome Mampituba foi escolhido em referência ao

rio que faz divisa entre os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Importante frisar que Cresciuma pertencia a Araranguá, cidade que, nesse período, fazia fronteira com o Estado rio-sul-grandense.

Já na primeira reunião, foi criada a classe de sócio honorário, da qual poderiam fazer parte contribuintes que doassem a quantia de duzentos contos de réis, além de jogadores de futebol dispostos a defender o Mampituba F.C<sup>3</sup>. Nesse sentido, é possível evidenciar que o clube recém-criado estava voltado aos grupos dominantes que se constituíam na região. A participação no clube seria vista pela sociedade como um distintivo social, local onde se compartilhariam valores, em que se fortaleceriam vínculos e se reforçariam alianças políticas. Pela presidência do Mampituba, passaram prefeitos da cidade, como também um dos governadores de Santa Catarina, Heriberto Hülse, que foi presidente por quatro mandatos. Hülse, desde a juventude, esteve ligado à força do carvão. Inicialmente, trabalhou para o grupo Henrique Lage - foi gerente da Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá - CBCA, e, posteriormente, deputado estadual (1935-1937), governador entre 1958 a 1961, e diretor vice-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN. Anos depois, Heriberto Hülse daria nome para o estádio do Criciúma Esporte Clube.

Para compreender as características do grupo dominante que estava se constituindo em Criciúma, é importante destacar alguns pontos. No período inicial de sua colonização, a pequena vila tinha como principal atividade econômica a agricultura. No entanto, a descoberta de carvão na região mudou a estrutura urbana, econômica, política e social da localidade. A exploração industrial desse minério se efetivou a partir da década de 1910, quando o empresário carioca - Henrique Lage - iniciou a exploração do carvão no local. Lage já tinha alguns investimentos na região, especificamente em Imbituba, distrito pertencente a Laguna. Nesse período, surgiram as primeiras companhias de mineração: Cia. Brasileira Carbonífera Araranguá S.A (1917); Cia. Carbonífera Urussanga S.A (1918); Cia. Carbonífera Próspera S.A (1921); Cia. Carbonífera Ítalo-Brasileira Ltda

---

<sup>3</sup>Mampituba Football Club: fundado dois anos antes de Criciúma emancipar-se de Araranguá. Disponível em: [http://www.mampituba.com.br/noticia/mampituba\\_football\\_club\\_fundado\\_dois\\_anos\\_antes\\_de\\_criciuma\\_emancipar\\_se\\_de\\_ararangua-1321](http://www.mampituba.com.br/noticia/mampituba_football_club_fundado_dois_anos_antes_de_criciuma_emancipar_se_de_ararangua-1321). Acesso em: 10 de outubro de 2013.

(1921) e Cia. Nacional de Mineração Barro Branco S.A (1922) (CAROLA, 2002, p. 16). Vale ressaltar que a Primeira Grande Guerra foi um elemento impulsionador da atividade carbonífera nessa época.

Foi nesse momento, também, que a Estrada de Ferro Donna Thereza Cristina implantou seu novo ramal, levando os trilhos a Criciúma. A Estrada de Ferro, fundamental para o transporte de carvão, era símbolo de modernidade. Sua estação de passageiros passou a ser a principal porta de entrada da vila; local de chegadas e de partidas daqueles que vinham para a região motivados pela extração do “ouro negro”. Em meio a tantas transformações, em 4 de novembro de 1925, foi conquistada a emancipação política, e, em janeiro de 1926, instalado o município de Criciúma. Nesse contexto, foi se constituindo um grupo vinculado à extração do carvão, que era composto pelos chamados “forasteiros”. Eles, os “forasteiros”, eram todos aqueles que não faziam parte das famílias presentes no núcleo inicial de colonização; para criar distintivos sociais entre os novos grupos que se delineavam na cidade, surgiram espaços, como, por exemplo, o *Mampituba Football Clube*.

O crescimento econômico de Criciúma, pautado na extração carbonífera, fez com que a região recebesse muitas pessoas interessadas no trabalho fixo oferecido nessa localidade.

Além dos imigrantes europeus, muitas pessoas vieram do litoral e da região serrana próxima, como mostra o item “procedência” das fichas funcionais encontradas na Companhia Carbonífera de Urussanga – CCU: de 46 fichas de 1918 a 1930, 23 pessoas nasceram nas regiões de Tubarão, Imbituba, Florianópolis e Laguna. As datas de nascimento destas pessoas variam entre o final do século XIX e início do século XX. Os lugares de onde vieram tiveram sua ocupação basicamente por açorianos e afro-descendentes, o que nos leva a inferir que, a partir da instalação das grandes mineradoras, a família operária mineira predominante era composta por pessoas com origens étnicas diferentes da dos colonos italianos, alemães e poloneses. Os empreendedores buscaram utilizar os recursos humanos que se encontravam nos locais e nas proximidades. (BERNARDO, COSTA e OSTETTO, 2004, p. 101)

Essa diversidade étnica que compõe o cenário da região, contribuiu para que muitos desentendimentos e preconceitos fossem difundidos. O convívio entre

os grupos de migrantes do núcleo colonial, que já tinha suas tensões, teve seus conflitos acentuados com a chegada dos “forasteiros”. A chegada desses trabalhadores também contribuiu para a transformação e a delimitação do espaço urbano.

Com a chegada desses trabalhadores as mineradoras começam a construir nas bocas de mina as vilas operárias. Elas são construídas próximas ao local de trabalho e de tal modo que a empresa pudesse manter o controle desse grupo. Nas vilas operárias a empresa colocava a disposição dos trabalhadores o açougue, o armazém e a farmácia, além de outros atrativos como clubes recreativos, cinema e o futebol. (BERNARDO, COSTA e OSTETTO, 2004, p. 104)

Entre as décadas de 1920 e 1940, a cidade experimentou um processo de urbanização e de crescimento econômico bastante intenso. No início dos anos de 1930, a mineração foi favorecida com a política do Estado, que obrigava as empresas a consumir 10% do carvão nacional. A Segunda Grande Guerra alavancou novamente a indústria carbonífera em função da substituição do carvão estrangeiro pelo nacional, fato que vinha ocorrendo desde décadas anteriores, mas que foi acentuado com a deflagração do conflito. Contribuiu, ainda, nesse processo, para a criação da CSN, e a usina de Volta Redonda se tornou a principal consumidora do mineral, favorecendo a produção da região carbonífera catarinense: “a única a possuir carvão coqueificável<sup>4</sup>, que teve sua produção aumentada de pouco mais de duzentas mil toneladas em 1939 para mais de um milhão de toneladas de carvão anos depois, em 1948” (NASCIMENTO, 2012, p. 19). Esse processo deu a Criciúma o título de capital nacional do carvão, consolidando a identidade da cidade vinculada à extração do carvão.

Portanto, é neste contexto de aquecimento econômico, de crescimento populacional, de expansão de um processo civilizador das famílias mineiras, de uma presença mais efetiva do Estado na região carbonífera e de consolidação do futebol como um elemento da cultura nacional, neste contexto que serão constituídos os principais clubes de futebol de Criciúma. Não por

---

<sup>4</sup> O carvão coque é um produto carbonáceo sólido obtido da coqueificação de um tipo específico de carvão mineral, a hulha.

caso Ouro Preto, Atlético Operário, Metrópol, Próspera, São Paulo e Comerciário são fundados justamente entre os anos de 1939 e 1947. (MONTEIRO, 2012, p. 26)

Esse contexto de tantas transformações foi o palco para o surgimento de diversos clubes de futebol, que, apesar de terem muitas semelhanças, possuíam também muitos diferenciais, fatores que, com o transcorrer dos anos, foram constituindo rivalidades. Para compreender esse cenário de fusão entre a cidade e o futebol - os conflitos de classe e a diversão, a paixão e a política - é importante conhecer um pouco mais da história desses clubes.

Como já citado, as mineradoras construía as vilas operárias para abrigar funcionários e seus familiares. As vilas eram próximas ao local de trabalho e possuíam uma estrutura básica, cujos serviços eram voltados à alimentação, à vida escolar e se constituía, também, como locais de lazer. Nesse sentido, além das Sociedades Recreativas, praticamente toda “boca de mina” tinha um time de futebol.

A antiga Operária Velha, atual bairro Santa Bárbara, passou por uma grande transformação com a chegada do escritório da Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá - CBCA. Além do escritório, no bairro, estava localizada “a igreja de Santa Bárbara, o colégio Estadual Coelho Neto, o posto de saúde que atendia os moradores da região próxima, o clube União Mineira, o clube União Operária e o time de futebol Atlético Operário, entre outros elementos.” (LUIZ, 2010, p. 34)

O Atlético Operário surgiu nessa comunidade com o apoio da CBCA, uma das maiores carboníferas da região. O clube foi fundado em 3 de maio de 1935<sup>5</sup> e ficou conhecido por seu apelido - “Rolo Compressor” -, tornando-se um dos maiores times da cidade. Importante frisar que os times das vilas operárias possuíam, em seu plantel, jogadores-operários, ou seja, esportistas que trabalhavam no subsolo, nas minas de carvão em um turno e treinavam em outro. Esses jogadores-operários eram os mesmos que participavam intensamente do movimento sindical em Criciúma. As greves em busca de melhores condições de trabalho e de remuneração eram constantes e o Sindicato dos mineiros era local de intensas discussões e articulações grevistas. Nesse sentido, os operários que lutavam contra

---

<sup>5</sup> As datas de fundação do Clube são controversas, já que ele nasce da fusão de outros times.

os padrões por melhores condições de vida eram os mesmos que entravam em campo defendendo a camisa de um time, o qual, geralmente, era patrocinado pelo proprietário da mineradora. Esse cenário evidencia certa contradição e articulação de interesses, em que a luta de classe e a paixão pelo time da vila operária se fundem e estabelecem um novo panorama na cidade.

Para exemplificar essa situação, pode-se destacar um dos famosos jogos do “Rolo Compressor”. Em 1960, o empresário Álvaro Catão, presidente da CBCA, embora residisse no Rio de Janeiro, mantinha uma proximidade com o time da vila operária, e, assim, trouxe para o Valdemar de Brito – praça esportiva do Atlético –, o time do Botafogo do Rio de Janeiro para um amistoso.

Meus amigos do esporte, eis aí a oportunidade para todo o sul ver com seus próprios olhos um dos maiores times do futebol do Brasil. O time milionário do futebol nacional em pleno Valdemar de Brito. Nilton Santos, maior zagueiro do mundo, Zagalo, campeão universal, Cacá, Paulinho, Manga, Ernani, Rossi, poderão ser vistos de perto pelos que acorrerem ao Valdemar de Brito, no dia do Trabalho (domingo). Um sonho dos desportistas da região transformado em realidade. O jogo foi confirmado por um telegrama ontem chegado as mãos do Dr. Sebastião Neto Campos, gerente da CBCA, enviado do Rio pelo senhor Álvaro Catão. Portanto, domingo, Botafogo e Atlético. Amigos desportistas, senhoras, senhoritas, estudantes, crianças, enfim, sul esportivo, compareçam domingo ao Valdemar de Brito, palco do maior espetáculo futebolístico de todos os tempos. (CORRÊA, 2007, 71).

O jogo foi marcado para o Dia do Trabalhador, data estratégica para estreitar as relações entre capital e trabalho. A estratégia dos dirigentes da CBCA, que visavam a uma aproximação com seus operários, proporcionou, ainda, o encontro dos cricumenses com grandes ídolos do futebol nacional. Na notícia que confirmava o jogo entre Atlético e Botafogo, pode-se destacar a ênfase dada ao protagonismo e à iniciativa de Álvaro Catão que, mesmo longe dos olhos dos operários, buscava demarcar seu espaço e estreitar os laços com seus empregados. E foi com o patrocínio da CBCA que o Atlético conquistou diversos títulos e protagonizou um dos maiores clássicos e uma das maiores rivalidades da região contra o time do Comerciário.

Ainda na década de 1930, surgiu outro clube, o qual levou no próprio nome

as marcas do carvão: o Ouro Preto Futebol Clube. O “ouro preto” se referia ao valioso minério extraído na cidade, porém, o alvinegro criciumense não estava diretamente vinculado a nenhuma mineradora. A composição das diretorias do Clube denota a participação de alguns grupos tradicionais de Criciúma, como também de profissionais liberais, fato que evidencia a presença de uma classe de grande poder aquisitivo. No entanto, o Ouro Preto nunca se consolidou como um grande time na cidade.

O primeiro número da série *Esporte Majestoso*, revista editada no início dos anos de 1980, é a principal fonte para a compreensão do surgimento do Ouro Preto Futebol Clube. Nessa revista, está registrado que a iniciativa de fundação partiu de alguns atletas que não podiam mais jogar no Mampituba, tendo fundado, assim, em 24 de dezembro de 1939, a nova instituição. (MONTEIRO, 2012). Sua praça esportiva foi nomeada como Irineu Bornhausen. Vale destacar que, nesse contexto, o comando do Estado catarinense estava nas mãos da família Ramos; Nereu Ramos era o interventor e vinha implementando uma forte campanha nacionalizadora contra as áreas de imigração, em especial, contra seus históricos adversários, os membros das famílias Konder e Bornhausen<sup>6</sup>. Mesmo com o início da Segunda Guerra Mundial e a intensificação das políticas nacionalistas, o estádio do Ouro Preto levou o nome de Irineu Bornhausen. Infere-se que os grupos fundadores do Ouro Preto não estavam afinados com os grupos políticos que comandavam a cidade, ou ainda o Estado.

A praça esportiva do Ouro Preto surgiu de uma parceria entre o clube e a carbonífera Próspera. Durante sua história, o Ouro Preto passou por diversas crises, tendo, em 1948, sua praça esportiva desapropriada, passando a pertencer somente à mineradora. Com a desapropriação, o time da carbonífera Próspera se tornou inquilino do Estádio Irineu Bornhausen. A exemplo de outras vilas operárias, a vila da carbonífera Próspera também possuía seu time de futebol, fundado em 29 de março de 1946, e conhecido até os dias atuais como o “time da raça” (MONTEIRO, 2012).

---

<sup>6</sup> Sobre as disputas entre as famílias Ramos, Konder e Borhausen, ver: ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma, SC: Ediunesc, 2012.

O Próspera tinha como patrono e principal incentivador o engenheiro Mário Balsini, que modernizou o estádio instalando, inclusive, refletores para jogos noturnos; para homenagear o engenheiro, a praça esportiva do Próspera recebeu seu nome. (SILVA JR, 1996, p. 47). O “time da raça”, composto por jogadores-operários, marcou a história da vila consagrando diversos atletas. Segundo Marli de Oliveira Costa, “sua torcida [era] composta em sua grande maioria por mulheres que, munidas de sombrinhas e outros objetos, amedrontavam os visitantes adversários.” (COSTA Apud MONTEIRO, 2012, p. 32). O Próspera teve seu auge no início dos anos de 1960, porém, o golpe militar

afastou Mario Balsini da direção da Carbonífera e, conseqüentemente, do futebol. O coronel Aloísio Moura de Andrade, nomeado do Rio de Janeiro para substituí-lo, não levava o futebol a sério e mandou derrubar os postes dos refletores para reaproveitá-los nos trabalhos da mina. (SILVA JR, 1996, p. 48).

A ditadura militar pôs fim a uma sequência vitoriosa do clube, no entanto, o “time da raça” sobreviveu ao golpe e, ainda hoje, possui seu departamento de futebol ativo. A ditadura buscou controlar e destruir os possíveis espaços onde pudessem surgir focos de resistência, pois, no início da década de 1960, o Sindicato dos Mineiros de Criciúma se constituía como principal espaço de lutas por direitos sociais e políticos em Santa Catarina. Participou ativamente na cadeia da legalidade em 1961, unindo-se a uma das tropas do 3º Exército de Porto Alegre para garantir a posse constitucional de João Goulart. Com o golpe militar, o Sindicato dos Mineiros tentou articular, novamente, a resistência; conseguiram reunir, no dia 1º de abril, cerca de seis mil pessoas na praça Nereu Ramos, no centro da cidade (TRICHÊS. ZANELATTO, 2015. ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016. ZANELATTO, 2020).

Nesse sentido, havia uma forte preocupação dos setores dominantes da cidade, em especial dos mineradores e da ditadura, com a organização dos trabalhadores das minas de carvão. No dia 2 de abril, o Sindicato dos Mineiros foi posto sob intervenção e grande parte de sua diretoria presa. Simultaneamente, eram presas outras lideranças, a maioria da executiva do Partido Trabalhista

Brasileiro - PTB, e dois de seus vereadores, além do médico Manif Zacharias, um dos principais quadros do Partido Comunista Brasileiro - PCB local. (ZANELATTO, 2020).

A organização dos trabalhadores de Criciúma e da região carbonífera contribuiu para a aproximação entre mineradores e militares. Havia preocupações com os movimentos sociais locais - a cidade era vista por estes como a “Cuba” brasileira. Além das prisões e das perseguições, logo após o golpe, começaram as tratativas para a construção de um quartel na cidade, cujas discussões adentraram as décadas de 1960 e 1970 e foram concretizadas com a instalação do 28º Grupo de Artilharia de Campanha - GAC em 1977. A partir daquele ano, a sociedade cricumense, em especial os sindicalistas, passaram a ser acompanhados de perto pelos olhos da ditadura (ZANELATTO, 2020).

### **Metropol e Comerciário - carvão e imigração: identidades e movimento**

Até o início dos anos de 1950, predominava em Criciúma um discurso identitário centrado no carvão, elemento fundamental da economia do município. A cidade passou “a ser identificada com ele [carvão], como também sua população, rompendo, de certa forma, com os esquemas identitários mais presentes em Santa Catarina, em geral articulados com elementos étnicos, ‘açorianos’ ou ‘europeus’” (NASCIMENTO, 2012, p. 23). No entanto, o discurso migratório nunca saiu totalmente de cena, sendo continuamente ressignificado por uma elite de descendentes de imigrantes, que, a partir das décadas de 1950 e 1960, passou a promover a valorização do discurso étnico na cidade, fundamentado no processo de criação de seu núcleo colonial.<sup>7</sup>

Exemplo do exposto foi que, em 1951, o prefeito Paulo Preis, descendente de imigrantes alemães, sancionou uma lei para a construção de uma pequena praça, que se chamaria “Praça do Imigrante”, onde seria construído um monumento em homenagem aos imigrantes que fundaram a cidade. O monumento era estruturado por colunas que representavam os grupos de imigrantes italianos,

---

<sup>7</sup> As reflexões sobre etnicidade foram encontradas em POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENERT, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: Unesp, 1988.

alemães e poloneses, revelando “uma intenção de representar espacialmente no corpo da cidade um imaginário étnico que vinha se valorizando em seu espírito” (NASCIMENTO, 2012, p. 69).

Na imprensa local, ao longo das décadas de 1950, foram realizadas edições anuais em comemoração ao 6 de janeiro de 1880 - data de fundação da cidade. Durante a década de 1960, a Associação Comercial e Industrial de Criciúma teceu críticas à dependência da cidade à indústria carbonífera e reforçou uma preocupação com as constantes crises enfrentadas pelo setor. Então, fizeram “ampla campanha propondo que os empresários locais abrissem outros negócios e buscando atrair empresas externas ao município” (NASCIMENTO, 2012, p. 39).

As crises econômicas constantes no setor carbonífero, juntamente com a perda de capital simbólico dos descendentes de imigrantes, resultado dos intensos fluxos migratórios e da chegada dos já citados “forasteiros”, fez com que o discurso público identitário passasse a girar em torno de concepções étnicas, mobilizando diversas forças na cidade, entre elas, o futebol. Foi nesse processo de disputas identitárias que se constituíram o Esporte Clube Metropol, o qual representava a força/identidade do carvão, e o Comerciaro Esporte Clube, ligado à força/identidade da imigração.

O Esporte Clube Metropol foi fundado em 1945 e pertencia à Cia. Carbonífera Metropolitana. O time, que havia sido fundado por funcionários da mineradora, não obteve grande respaldo da empresa nos primeiros anos de sua existência. O Metropol era mais um time de vila operária que possuía em seu plantel vários jogadores-operários, os quais se dividiam entre o trabalho na mina e a prática esportiva. No entanto, a partir de 1959, o time tomou outros rumos após a chegada dos novos sócios da Carbonífera Metropolitana, já que Diomício Freitas e Santos Guglielmi decidiram passar a investir no clube, configurando-se como um novo período para o time, o chamado “Metropol rico” (SILVA JR, 1996, p. 42).

Importante ressaltar que o movimento sindical<sup>8</sup>, nesse período, era muito

---

<sup>8</sup> Em 1944, foi fundada a Associação dos Trabalhadores das Minas de Carvão e, no ano seguinte, transformada em Sindicato dos Mineiros de Criciúma. VOLPATO, Terezinha Gascho. *A pirita humana: os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: Ed. da Ufsc, 1984.

organizado. Criciúma era palco de intensas greves, em que os mineiros lutavam por melhores condições de trabalho e melhores salários; os mineiros da Carbonífera Metropolitana estavam inseridos nesse contexto de reivindicações. Quando adquirida pela sociedade Freitas-Guglielmi, a carbonífera, que possuía uma das maiores jazidas minerais do país, estava falida. Os novos sócios buscavam mudar essa situação, tornando, novamente, a empresa lucrativa, e, para tal, os gastos deveriam ser cortados, o que implicava no não atendimento das reivindicações dos mineiros. Ao contrário da antiga administração da Metropolitana, que gerenciava os negócios a distância, os novos sócios estavam presentes na cidade e essa presença transformou a relação da carbonífera com seus trabalhadores.

Diomício Freitas percebeu a intensa relação que os operários possuíam com o time de futebol da Metropolitana. Na busca por se aproximar dos mineiros, o empresário investiu maciçamente no clube, tornando o Metropol o maior time de Santa Catarina nos anos 1960. Nesse período, o alviverde se tornou pentacampeão catarinense, bicampeão sul-brasileiro e protagonizou uma excursão de noventa dias pela Europa. Essa excursão contou com

23 jogos, 13 vitórias, seis empates, quatro derrotas. 53 gols a favor, 35 contra, um saldo de 18 gols pró. A campanha do Metropol pela Europa foi reconhecida pela Confederação Brasileira de Desportos, que condecorou os catarinenses com um diploma, a *Carta Azul*. A passagem do Esporte Clube Metropol pelos gramados europeus é a mais extensa excursão que uma equipe brasileira já protagonizou naquele continente. (SILVA JR, 1996, p. 123)

O estádio do Metropol foi nomeado em homenagem à Euvaldo Lodi, invocando, desde o seu nome, a relação de deferência feita ao deputado de Minas Gerais - classista e representante da Indústria Brasileira na constituinte de 1934; era alguém admirado por aquele que seria Senador da República (em 1978, pela Arena), o empresário Diomício Freitas, proprietário da Carbonífera Metropolitana. Diomício indicou seu filho, o empresário José Francione de Freitas, conhecido por Dite Freitas, para administrar e acompanhar de perto o Metropol Esporte Clube.

No cenário de intensas manifestações grevistas e de aproximação dos

proprietários da carbonífera aos mineiros, por meio do futebol, as relações entre patrão e empregado tomaram novos contornos. O grupo Freitas - Guglielmi buscava apaziguar os ânimos dos grevistas no gramado, possibilitando uma relação diferente entre capital e trabalho. Assim, aproveitando a boa fase do clube, Freitas incentivou a criação de um novo sindicato dos mineiros no Rio Maina (atual Distrito de Criciúma), região onde ficava localizada a Metropolitana. Segundo Volpato (1984, p 121), Diomício encabeçou a proposta de fazer uma sede do Sindicato dos mineiros no Rio Maina, alegando que seria mais próximo de seus funcionários, pois o Sindicato no centro da cidade era de difícil acesso.

O novo Sindicato objetivava desarticular a categoria e manter a nova instituição sob tutela dos empresários da Metropolitana; então, em 7 de novembro de 1961, foi fundada a Associação dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão de Rio Maina. Segundo Gustavo Perez Lemos (2008, p. 110), estavam “presentes à mesa o padre Humberto Oening, o vereador e ex-candidato a presidência do sindicato de Criciúma Dorizo Rocha, Zelindro Serafim e Antonio Faustino Goulart, candidato derrotado nas últimas eleições sindicais”. Os discursos dos presentes foram proferidos em tom de vitória, destacando o caráter assistencialista da nova instituição, bem como seu caráter anticomunista. (LEMOS, 2008, p. 110)

As relações de proximidade entre mineradores e mineiros, por meio do novo Sindicato e do Metropol Esporte Clube, fizeram com que os torcedores do clube fossem apelidados de carneiros. O carneiro seria o animal do sacrifício, aquele que fornece a lã, que sofre, que se doa, mas que, mesmo assim, continua dócil. Os “carneirinhos do seu Diomício”, como ficaram conhecidos, representaram uma nova fase do futebol cricumense e de ascensão política do empresário da Metropolitana. Antes de ser eleito Suplente de Senador, em 1962, Diomício Freitas se candidatou a Deputado Federal pela União Democrática Nacional – UDN, e usou como seu maior cabo eleitoral o Esporte Clube Metropol - time que tinha acabado de chegar da Europa e ainda colhia os louros da fama pela vitoriosa campanha no velho continente.

Freitas encaminhou o Metropol para diversos amistosos nas cidades próximas de Criciúma, tendo visitado, ao todo, 11 cidades, que receberam o famoso

time da Metropolitana. O Metropol sempre entrava em campo com uma faixa “Vote em Diomício”, entregava bandeirinhas com a foto do candidato e com o lema da campanha “do Sul para o Sul”; ainda distribuía bolas e camisas autografadas para a torcida, que era constituída por quase toda a população da cidade, que ia eufórica ao campinho para ver as estrelas que estiveram na Europa (CAMPOS; CARDOSO, 2014, p. 132).

O Metropol “rico” sem dúvida marcou a história criciumense e possibilitou muitas reflexões sobre o comportamento dos mineiros e sua relação com a empresa. O time, utilizado como forma de conter as manifestações do movimento grevista que envolvia os mineiros da Metropolitana, acabou por levar um novo modelo de futebol para a cidade e lançar Diomício Freitas ao cenário político. No entanto, vale ressaltar que o Sindicato dos mineiros do centro continuou batalhando por seus direitos, sendo que o maior golpe ao movimento sindical veio, mesmo com a instalação da Ditadura civil militar no Brasil.

Nos anos de 1960, a campanha extraordinária do Metropol fez com que o time rompesse as fronteiras da Metropolitana, passando a representar as demais associações esportivas das vilas operárias e das carboníferas. No período, o arquirrival do Metropol era a única equipe que não estava vinculada ao carvão, considerada da elite do centro da cidade, criada e mantida pelos comerciantes: o Comerciário Esporte Clube. A última das grandes equipes criciumenses a ser fundada nasceu no centro da cidade. Como visto, os clubes criados nessa época, em Criciúma, estavam vinculados, direta ou indiretamente, ao carvão, sendo seus jogadores e seus torcedores, em grande parte, moradores das vilas operárias. Diferente disso, a elite criciumense teve a iniciativa de fundar um clube que representasse a região central da cidade, cuja atividade econômica predominante era o comércio, contribuindo para o processo de fortalecimento da identidade da imigração e de contestação da identidade vinculada ao carvão. Em 13 de maio de 1947, então, nascia o Comerciário Esporte Clube, cujo mascote era o *bacharel*, e os jogadores eram os “bacharéis da pelota”.

Nesse período, muitos criciumenses estudavam fora da cidade. Além desses jovens estudantes, muitos profissionais liberais, como engenheiros e advogados, chegavam a Criciúma para trabalhar nas empresas ligadas ao setor carbonífero, ou

na administração de comércios. “Para o Comercário, era fundamental atrair a simpatia deste grupo de ‘forasteiros’ que vieram para Criciúma não na qualidade de operários, mas sim para exercer profissões com grande prestígio social.” (MONTEIRO, 2012, p. 35). Importante destacar que, para buscar legitimidade com a elite que descendia de imigrantes, muitos desses forasteiros contraíram matrimônio com as filhas da elite local, reforçando parcerias e discursos.

Ao longo da década de 1960, o clube se consolidou como um dos maiores do Estado, ao mesmo tempo em que acentuava a rivalidade entre os times das bocas de minas contra os influentes “bacharéis da pelota”.

Logo após o surgimento do alvi-azul, foi fundada em 1948 a entidade máxima do futebol cidadão: a Liga Atlética da Região Mineira (L.A.R.M.). Na década de 1950 a hegemonia do futebol cricumense ficou nas mãos, principalmente, do Comercário, rivalizando diretamente como o Atlético Operário - time dos mineiros da CBCA. Quem quebrou a hegemonia comercialina foi justamente o “primo pobre” da década de 1950: o Esporte Clube Metropol. (CORRÊA, 2007, p. 17)

Durante a década de 1950, o Comercário ganhou a maioria dos títulos e investiu maciçamente em sua praça esportiva. Por meio da organização de um “caixinha”, os comercialinos conseguiram angariar fundos para adquirir uma área de terra medindo 17.460 metros quadrados para a construção de seu estádio (TAVARES, 2013, p. 133). Além do investimento em seu patrimônio, o clube promovia muitos eventos sociais e se foi tornando uma potência na região e no Estado como um todo. Entretanto, mesmo com tantos investimentos em sua praça esportiva, o Comercário não conseguiu um bom desempenho dentro de campo na década de 1960. O clássico desse período era o Copol, confronto entre os bacharéis e os mineiros da Metropolitana, sendo que o time da carbonífera foi vitorioso em praticamente todos os jogos<sup>9</sup>. Além do mau desempenho em campo, o time do Comercário também não obtinha a simpatia da grande maioria dos cricumenses. Quando a equipe do centro jogava contra um time de vila operária, independente

---

<sup>9</sup> Segundo o já citado autor José da Silva Jr o apelido de carneiros dado ao Metropol, principalmente pela torcida do Comercário, foi adotado pelo Clube que passou a utilizar o carneiro como seu mascote. Os comercialinos decidiram então comprar um carneiro e engordá-lo para no dia em que vencessem o Metropol, carneassem o animal e distribuíssem o churrasco no centro da cidade. Como a invencibilidade do time da Metropolitana foi de quase dez anos, o animal acabou morrendo de velho e se tornando um dos protagonistas das rivalidades e provocações entre os times da cidade.

de qual fosse a equipe, todos mineiros se uniam para torcer contra o Comerciário.

Em 1964, houve uma eleição, por ocasião da festa do padroeiro da cidade, São José, para a escolha do time “mais querido” de Criciúma. Ao final dessa votação popular foi contabilizada a maioria dos votos para o time do Comerciário, que passou a ser chamado, principalmente pela imprensa local, de o “mais querido”. Vale destacar que a Catedral São José é localizada na praça central da cidade, ponto de encontro dos criciumenses e, também, endereço da sede do Comerciário por muitos anos. No entanto, logo após a divulgação do resultado, o título foi contestado, pois o fato de a urna estar disponível no centro da cidade favorecia a votação de quem morasse nessas redondezas, possivelmente, torcedores do Comerciário. Para os torcedores dos outros times, essa eleição foi uma forma de fazer com que os comercialinos levantassem pelo menos um título num período de poucas vitórias dentro de campo. Para o Comerciário, por sua vez, o título se tornou uma referência, que, posteriormente, se consolidou na história do clube por meio do hino do Criciúma Esporte Clube<sup>10</sup>.

As décadas de 1950 e 1960 mudaram as características do futebol criciumense. As discussões sobre futebol amador e profissional, como também a mudança para uma fase mais regional e estadual dos clubes, transformaram as práticas na cidade. Foi assim que, em 1970, Comerciário e Metropol fecharam seus departamentos, colocando fim a esse período do futebol criciumense. Segundo o historiador Humberto Soares (2010, p. 19), a conquista do Tricampeonato Mundial pela seleção brasileira, em 1970, evidenciou uma nova fase do futebol nacional, em que o processo de profissionalização do esporte exigia maiores investimentos e modificações na estrutura dos clubes. Esse contexto atingiu a realidade criciumense e fez com que dois grandes clubes fechassem seus departamentos de

---

<sup>10</sup> A letra do hino do Criciúma foi escrita por Carlos Ernesto Ramos Lacombe. A primeira gravação contou com a voz do próprio autor, como também dos músicos Ernesto Kaster e Valdir Silva. O início do hino denota uma ligação do recém-criado Criciúma com seu passado de glórias como Comerciário. A ênfase desse passado está representada principalmente na frase “onde estiver o mais querido”, alusão ao título conquistado pelo Comerciário. “Lembrando os heróis do passado/ Que escreveram seus nomes na história/ Oh! Tricolor predestinado/ A um presente e futuro de glória/ Salve o Criciúma/ No esporte Nacional/ Salve o Criciúma/ De patrimônio imortal/ Na hora da decisão/ Numa só voz grita feliz/ O meu povão/ Criciúma, Criciúma/ Nosso Clube de amor/ Alma, garra e coração/ Vibrando estaremos contigo/ Desfraldando o teu pavilhão / Onde estiver o mais querido/ Dos campeões - o nosso campeão”.

futebol, deixando órfãos milhares de torcedores, os quais percebiam no esporte mais do que um simples jogo, cujo objetivo era marcar o gol; os confrontos entre os clubes representavam as relações sociais, as identidades e as disputas simbólicas de rivalidades cotidianas.

No entanto, o que parecia dividir os torcedores também se tornava um elemento de união; mesmo em lados opostos da arquibancada, os criciumentes compartilhavam a paixão pelo esporte e é essa paixão que permaneceu acesa a depois do encerramento das atividades do Metropól e do Comerciário.

### **A cidade multiétnica - Criciúma Esporte Clube: a identidade da imigração**

Após o fechamento dos departamentos de futebol do Metropól e do Comerciário, milhares de apaixonados torcedores se viram sem confrontos para travar, sem lágrimas de tristeza ou risos de alegria, com as perdas ou com as conquistas de seus times. Esse também foi o período de muitas mudanças econômicas e sociais na cidade de Criciúma, e é nesse contexto de transformações que um novo/velho time se apresenta para os criciumentes, buscando suscitar novas paixões. Os associados do Comerciário sempre desejaram restabelecer o futebol profissional, pois, durante anos, o clube ficou restrito somente às atividades sociais. Assim, em 1976, foram concluídas as obras básicas para a utilização do estádio - primeiro passo para o retorno do Comerciário ao futebol profissional. Esse retorno ao campo, após sete anos de inatividade, se deu em 1977, numa partida amistosa contra o Juventus, de Rio do Sul. Contudo, a alegria pelo retorno do “mais querido” estava restrita à torcida comercialina. E o primeiro problema, então, enfrentado pelo Comerciário, em sua volta, foi a falta de torcedores. As razões do número limitado de sua torcida eram claras: mesmo inativos ou voltados somente ao futebol amador, os torcedores dos times das carboníferas mantinham fidelidade às cores de suas camisas e jamais aceitariam torcer pelo arquirrival, pelo time do centro - o Comerciário.

O presidente, nesse período, Antenor Angeloni, traçava duas estratégias para aumentar a aceitação do clube. Uma era inserir o time no campeonato catarinense e no campeonato brasileiro, e a outra era criar uma ligação entre o

clube e a população da cidade. Como o presidente não podia apagar as paixões dos diferentes torcedores pelos outros times, a estratégia seria realizar a mudança a partir do próprio Comerciário (SOARES, 2010, p. 30).

No ano em que o Comerciário se preparava para voltar aos gramados, ocorreram as eleições para a escolha do prefeito municipal. Essa eleição foi vencida pelo candidato mais improvável – Altair Guidi; uma disputa travada entre três forças/grupos/partidos políticos da cidade. Disputaram o pleito: Bertoldo Arns, pela Arena II (Udenista), Altair Guidi, com a Arena I (Pessedista) e Murilo Sampaio Canto, pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB. A candidatura de Guidi foi uma articulação do deputado estadual Aristides Bolan, mas não era uma unanimidade na Arena Pessedista, e “as resistências eram ainda maiores na facção Udenista, que o julgava não confiável” (TRICHÊS; ZANELATTO, 2015, pp. 160 - 163).

A eleição de Bertoldo Arns parecia tranquila, pois o candidato do MDB não decolou, porém, o pequeno grupo em torno da campanha de Guidi articulou sua renúncia, que foi noticiada pela imprensa. Esse fato obrigou o prefeito municipal Algemiro Manique e os grupos econômicos da Arena Udenista a investir na campanha de Guidi. Mesmo com o crescimento da campanha de Guidi, a eleição de Bertoldo Arns se encaminhava com tranquilidade e somente mudou na contagem dos votos, pois uma fraude e um acordo que envolveram lideranças dos três partidos deram vitória a Altair Guidi. A eleição de Guidi, por sua vez, derrotou grupos econômicos (Cecrisa, CBCA e outros) que, historicamente, influenciavam nos processos eleitorais da cidade (TRICHÊS. ZANELATTO, 2015, p. 158).

A gestão de Altair Guidi coincidiu com a volta do Comerciário às competições, bem como ao momento de transformação do clube, encabeçado pelo seu presidente, Antenor Angeloni, que promoveu a mudança do nome do time para Criciúma Esporte Clube. Além disso, Guidi assumiu uma cidade às vésperas de comemorar seu centenário de fundação, momento ímpar para a divulgação e o fortalecimento identitário do município. Nesse sentido, a gestão de Guidi foi marcada pela ênfase ao discurso étnico que foi expresso em monumentos, em símbolos, em festas e na produção de um livro positivando a imigração, demonstrando uma hiperinflação de signos (CAMPOS, 2003, p. 40). Guidi buscava

unir Criciúma criando a cidade multiétnica, e a mudança do nome de Comerciário para Criciúma Esporte Clube também contribuiria para unificar os torcedores dos vários clubes amadores em torno de um único clube - o Criciúma.

A modernização do futebol na década de 1970 mudou a forma de compreender e de manter os clubes de futebol. Se, antes, os times cricumenses eram ligados somente às carboníferas, nesse novo contexto do futebol nacional, o patrocínio das empresas ganhava força e esse era mais um problema para a gestão Angeloni. Muitas empresas se negavam a patrocinar o Comerciário, baseando seus argumentos em antigas rivalidades. A cidade, durante esse período, passou por uma intensa diversificação econômica. As crises do setor carbonífero e a devastação ambiental, ocasionada pela extração do minério, eram fatores de intenso debate no município. Dentre os setores que mais cresceram nesse momento, pode-se destacar a indústria cerâmica. Assim, eram muitas as empresas que queriam se consolidar na cidade e que percebiam, no futebol, uma forma de propagandear suas marcas. No entanto, o futebol cricumense não era sinônimo de Comerciário - cabia ao clube transformar sua imagem perante a cidade.

Em março de 1978, a reunião do conselho deliberativo do Comerciário tinha como uma das pautas a mudança do nome do clube - proposta encabeçada pelo presidente Antenor Angeloni. A reunião do conselho proporcionou discussões calorosas entre aqueles que eram totalmente contra a mudança do nome do clube, por considerar tal ato um desrespeito à história do Comerciário, e aqueles que, incitados por Angeloni, acreditavam que a mudança era a única forma de consolidar o time e conseguir patrocínios e torcedores, porque o clube levaria o nome de toda a cidade. O presidente discorreu sobre os diálogos que havia realizado com algumas empresas cricumenses, que haviam demonstrado interesse em patrocinar o futebol, mas não o Comerciário. Informou, também, que já havia conversado com o governador Antonio Carlos Konder Reis, que prometeu mais apoio ao time que se projetasse na cidade. Da mesma forma, o prefeito de Criciúma, Altair Guidi, havia garantido que, com a mudança no nome, iria abrir edital para comprar um ônibus para o clube. (SOARES, 2010, p. 37)

Após um afluído debate, os partidários de Antenor Angeloni venceram e o Comerciário passou a se chamar Criciúma Esporte Clube (CEC), que seria uma nova

experiência para o futebol citadino, pois não representava a fusão dos clubes citadinos - ele representava um novo começo. Foi criado a partir da necessidade do próprio clube, como também uma alternativa para aqueles que haviam ficado órfãos de seus times. Resultado do hibridismo da cidade, o Criciúma representava ainda a modernidade trazida pelos novos tempos. Antes de ser um time de fusão, em algumas oportunidades colocado time “inventado” (como se todos os demais não o fossem), o fim da década de 1970, e sobretudo as décadas de 1980 e 1990, identificam a profunda paixão dos criciumenses pelo futebol e pela capacidade de, por meio desse esporte, se alcançar um time para as diferentes Criciúmas que coexistiam. Claro está que o CEC é um time de futebol do seu tempo, de investimentos no esporte e da modernização – com as ações negativas e positivas – implementada no país junto ao chamado esporte bretão.

**Tabela 1 - Relação dos Presidentes do Criciúma Esporte Clube: 1978 - 2022**

Antenor Angeloni	1978 - 1980
Guido José Búrigo	1981
Dormeval Zanatta	1982
Silvio Damiani Búrigo	1983
Antenor Angeloni	1984
Moacir Fernandes	1985 - 1992
Afonso Back	1992
Dorly Napolini	1993 - 1994
Milton Campos Carvalho	1995 - 1996
Joacir Scremin	1996 - 1998
Voimer Conti	1999
Claver Luiz Vieira	1999 - 2000
Moacir Fernandes	2000 - 2007
Édson Búrigo	2008 - 2009
Antenor Angeloni	2010 - 2015

Jaime Dal Farra	2016 - 2020
Anselmo Freitas	2021 - 2022

Fonte: <https://www.criciuma.com.br/diretoria#ex-presidentes> Acesso em 24 de outubro de 2022.

Como fica evidenciado no quadro exposto, após a mudança do nome de Comerciarío para Criciúma Esporte Clube, a maioria dos presidentes do clube foi descendente de imigrantes, dado que corrobora para a construção da imagem de cidade multiétnica. Isso não quer dizer que a “força do carvão” tenha desaparecido, uma vez que, com a mudança no nome do clube, mudaram-se, também, as cores da camisa.

Em 13 de maio de 1984, o CEC estreou seu novo uniforme, substituindo o alvi-azul pelo tricolor: amarelo, preto e branco. A cidade que, nacionalmente, foi conhecida como Eldorado, por sua riqueza mineral, se utilizava muito da expressão “ouro negro” para referenciar sua principal riqueza - o carvão. O amarelo e o preto da camisa estavam diretamente relacionados com essa ideia; já, o branco, era a cor neutra, utilizada em todos os uniformes dos outros clubes da cidade. O branco era uma forma de representar os outros times, os quais fizeram parte da história cricumense. A partir da adoção da camisa tricolor, criou-se o mascote para o clube, pois as três cores lembravam um tigre - animal que passou a representar o Criciúma.

O escudo do clube também passou por mudanças. Nos primeiros anos, o formato e as cores do Comerciarío foram mantidos. Depois, as iniciais do Criciúma (CEC) substituíram o antigo símbolo, que representava o time dos comerciários.



11

Na década de 1980, por conta das comemorações do centenário de fundação de Criciúma, o prefeito Altair Guidi encomendou, junto ao arquiteto Manoel Coelho, projetos para marcar os festejos na cidade. Dentre os símbolos criados nesse período, Coelho criou a logomarca da cidade, que, anos depois, se tornaria o símbolo do Criciúma Esporte Clube.



A nova logo marcava a fusão da Criciúma multiétnica, que se apresentava publicamente como Cidade das Etnias, e o novo futebol da cidade, marcado pela união de diversos interesses e de grupos citadinos.

---

<sup>11</sup> O primeiro escudo foi utilizado de 1948 a 1978, ainda como Comerciarío. O segundo mantém as características do primeiro, inclusive o símbolo, mas já representa o Criciúma Esporte Clube. Foi usado de 1978 a 1984. O terceiro apresenta o mesmo estilo dos anteriores, porém, o símbolo passou a ser as iniciais do Clube. Disponível em: <http://www.criciumaec.com.br/escudo>. Acesso em: 20 de outubro de 2013. Disponível em: <http://cacellain.com.br/blog/?p=52340>. Acesso em: 20 outubro de 2013.

<sup>12</sup> Escudo do Criciúma sem as estrelas que representam os títulos. Disponível em: <http://www.criciumaec.com.br/escudo>. Acesso em: 20 de outubro de 2013.

## Considerações finais

Entrelaçando futebol, política e identidade, o artigo buscou abordar as duas identidades forjadas em Criciúma ao longo do século XX: “força do carvão” e “força da imigração” e como ambas tentaram se tornar hegemônicas na cidade, tendo o futebol papel central nesse processo. Dividido em três seções, o artigo demonstrou que, na primeira metade do século XX, ocorreu a hegemonia da identidade do carvão expressa no futebol amador com os times vinculados e patrocinados pelas mineradoras. A segunda foi marcada pelo processo de profissionalização do futebol com ênfase em dois clubes - Metropol e Comerciário, e nas disputas das duas forças - a do carvão, consolidada e representada pelo Metropol, e a da imigração, representada pelo Comerciário.

Ao finalizar, o artigo apontou para o processo de invenção da cidade multiétnica, que foi sendo articulada pelo poder público municipal no contexto de comemorações do centenário da cidade, período de mudança do nome do Comerciário para Criciúma Esporte Clube, na perspectiva de unificar as torcidas. Esses acontecimentos contribuíram para a hegemonia da identidade da imigração, pois, tanto no que diz respeito à direção do poder público municipal (prefeitos), quanto aos dirigentes do Criciúma Esporte Clube (presidentes), ambos os cargos foram ocupados, em sua maioria, por empresários que eram descendentes de imigrantes europeus<sup>13</sup>. Isso não quer dizer que a identidade do carvão desapareceu, basta dizer que a torcida do Criciúma é conhecida e reconhecida como carvoeira.

Portanto, como ficou evidenciado, o futebol foi/é uma paixão do cricumense - a maioria dos clubes criados na cidade tinha relação e vinculação identitária. Outras identidades marcam a cidade, outras entradas para se estudar o futebol podem ser abordadas, mas essas ficam para outro escrito.

---

<sup>13</sup> Cabe ressaltar que essa cidade multiétnica incorporou algumas etnias e excluiu outras.

## Referências Bibliográficas

BERNARDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. A casa e a vila: a família operária e a moradia na região carbonífera, 1913-1930. In.: GOULARTI FILHO, Alcides. **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora Cidade Futura, 2004.

CAMPOS, Emerson César de; CARDOSO, Michele Gonçalves. Onde estiver o mais querido: Criciúma Esporte Clube – times e cidades (1978-204). In.: VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto (orgs). **O futebol em Santa Catarina – histórias de clubes (1910-2014)**. Florianópolis: Insular, 2014.

CAMPOS, Emerson César. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002)**. 235 p. (Tese) Doutorado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

CORRÊA, Maurício Ghedin. **Lembrando os heróis do passado: Uma História Social do futebol em Criciúma (1950 – 1970)**. 2007. 127 p. Monografia (Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FAUSTO, Boris. De alma lavada e coração pulsante. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 139-148, jul./dez. 2010

GALENO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

LEMONS, Gustavo Perez. **Mineiros e Sindicalistas na Cidade do Carvão: Criciúma, 1952-1964**. (Dissertação) 129 p. Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

LUIZ, Rosana Peruchi. **Identificações étnicas de crianças afro-descendentes no bairro Santa Bárbara (1952-1964)**. 2010. 59 p. Monografia (Graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. 2010.

MAMPITUBA Football Club: fundado dois anos antes de Criciúma emancipar-se de Araranguá. Disponível em: [http://www.mampituba.com.br/noticia/mampituba\\_football\\_club\\_fundado\\_dois\\_anos\\_antes\\_de\\_criciuma\\_emancipar\\_se\\_de\\_ararangua-1321](http://www.mampituba.com.br/noticia/mampituba_football_club_fundado_dois_anos_antes_de_criciuma_emancipar_se_de_ararangua-1321). Acesso em: 10 de outubro de 2013.

MONTEIRO, Renato de Araújo. **Identidade e processo civilizador no campo das relações entre trabalho e esporte: história do processo de profissionalização do futebol em Criciúma (1948-1952)**. 2012. 73 p. Monografia (Graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.

NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma – SC (1945-1980)**. São Luís: Café & Lapis; Criciúma: Ediunesc, 2012.

OLIVEIRA, Mirtz Orige. **Monitoramento da paisagem: da ferrovia à avenida centenário em Criciúma-SC**. 2011. 184 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENERT, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1988.

SILVA JR., José da. **Histórias que a bola esqueceu – a trajetória do Esporte Clube Metropol e sua torcida**. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.

SOARES, Humberto Bitencourt. **A unificação do sonho da bola: o cenário econômico da cidade de Criciúma no processo de surgimento do Criciúma esporte clube (décadas de 1970 – 1980)**. 2010. 50 p. Monografia (Graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

TAVARES, Antonio João. **O futebol**: entre o trabalho e a paixão nos bons tempos do Ouro Negro 1948-1968. Orleans: Gráfica do Lelo, 2013.

TRICHES, Janete. ZANELATTO, João Henrique. **História política de Criciúma no século XX**. Criciúma, SC: Ediunesc, 2015

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A piritá humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.

WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. **Revista Catarinense de História** – n. 2, p. 5-15, 1994.

ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma, SC: Ediunesc, 2012.

ZANELATTO, João Henrique. TRICHÊS, Janete. CAROLA, Carlos Renato. Do Golpe Militar a Instalação do 28º Grupo de Artilharia de Campanha (GAC): à ditadura civil-militar na capital nacional do carvão (1964 -1977). **Antíteses**, v. 9, n. 17, p. 200-221, jan./jun. 2016.

ZANELATTO, João Henrique. Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão. **Revista Continentes** (UFRRJ), ano 9, n. 16, 2020.

Recebido: 27/11/2022  
Aprovado: 13/12/2023